

Procópio de Cesaréia e sua descrição dos francos: apontamentos de pesquisa

Renato Viana Boy*

O presente trabalho é parte integrante de um projeto de doutorado a ser desenvolvido na USP, que visa a analisar o projeto de restauração das antigas fronteiras ocidentais do Império Romano, promovida pelo imperador Justiniano (527-565). O objetivo de tal empresa era recuperar para o domínio dos romanos territórios que outrora pertenceram ao Império e que se encontravam, no século VI, sob domínio de povos considerados bárbaros.

No período em questão, a antiga grandeza territorial do Império Romano tinha suas fronteiras restritas ao Oriente grego e à Ásia Menor¹, tendo resistido às investidas estrangeiras no período conhecido como Baixo Império (séculos III a V), mantendo sua organização mesmo após a destruturação causada no Ocidente.

Propomos-nos aqui a analisar esse processo como uma tentativa, por parte dos romanos do Oriente (denominados pela historiografia moderna de “bizantinos”), de reconstrução da antiga grandeza territorial do Império. Para tanto, seria necessário recuperar para o domínio de Roma regiões da Europa ocidental e do norte da África que nos séculos anteriores tinham sido tomadas por povos bárbaros, estando então ocupadas por germânicos, godos e vândalos.

Para tanto, nos utilizaremos como fonte principal nesse texto das obras do cronista Procópio de Cesaréia (490-562). Nascido na Palestina, Procópio se tornou conselheiro particular do general Belisário, nas campanhas enviadas pelo imperador Justiniano contra os persas, os vândalos e os góticos. Entre suas obras, merecem destaque *Peri Ktismaton (De Aedificis)*, *Anekdotia (Historia Arcana)* e oito volumes que tratam diretamente das descrições das ações do exército de Belisário nas regiões do Mediterrâneo, *Polemon (De Bellis)*.

Considerando que Procópio provavelmente compartilhase da crença do imperador Justiniano numa unidade das regiões mediterrânicas, esse trabalho não parte de discussões que visam construir uma contraposição entre o Oriente e o Ocidente medievais. Até porque essa oposição se insere melhor numa discussão historiográfica posterior ao referido período do que uma manifestação da mentalidade romana presente nos textos de Procópio. O que encontramos na obra deste cronista é uma descrição dos eventos que se passam durante o processo de recuperação de uma unidade romana no Mediterrâneo.²

* Mestre em História social pela UFRJ, professor de História Antiga e Medieval da Universidade Federal de Ouro Preto e aprovado no processo seletivo para ingresso no doutorado da Universidade de São Paulo a partir de agosto de 2008.

¹ OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. p. 82.

² Cf. PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. 2000. pp. 149-187. Emory University, 2000.

Portanto, nosso estudo das descrições feitas por Procópio de Cesaréia se insere num contexto de reconstituição da antiga grandeza territorial do Império Romano, tratando das regiões do mundo mediterrânico como territórios pertencentes a uma unidade a ser reincorporada, e não como contraposição ao território tido como oriental. Nossa proposta é tentar compreender a construção do olhar de um elemento romano em relação a outras populações, descritas como bárbaras, dentro desse contexto.

O elemento em questão será a obra de Procópio de Cesaréia. Sendo um cronista do Império, próximo tanto do imperador Justiniano quanto do general Belisário, pode ter suas posições apresentadas na sua *História das Guerras (Polemon)* aproximada de uma abordagem oficial romana durante esse processo. A utilização de seus textos aqui deverá ser feita como sendo uma percepção aproximada da visão oficial daqueles que estavam à frente do governo romano no século VI.

Tomaremos como fonte principal para este estudo, entre as guerras narradas por Procópio em *Polemon (De Bellis)*, a *História da Guerra Gótica*, que apresenta os combates dos exércitos de Belisário contra os povos góticos na Península Itálica. Nosso interesse aqui não serão exatamente as descrições dos combates entre romanos e góticos, mas sim a descrição feita pelo cronista em relação a um outro povo com o qual o exército de Belisário manteve contato durante o período, os francos.

A justificativa para tal abordagem é o fato de os francos, mesmo representando uma ameaça aos interesses dos romanos na Itália,³ se constituírem, em determinados momentos, como aliados na guerra contra os godos, como veremos mais adiante.

Algumas questões se colocam para o pesquisador nesse estudo. Que elementos poderiam servir para tornar os francos aliados dos romanos nesse período de combates? Quais os motivos para o sucesso ou não de tal tentativa? Enfim, transitando entre a descrição de um povo inimigo e uma possibilidade de aliança, como são abordados os francos na narrativa de Procópio de Cesaréia?

Uma vez que concentraremos nossos estudos na obra de Procópio, é importante salientar que os termos e idéias apresentados aqui serão retirados dos textos do cronista, enquanto fonte central para este trabalho. Assim, quando nos referirmos nessa pesquisa ao império que a historiografia moderna denomina de Bizantino, adotaremos o termo “romano”. Isso porque seus habitantes não se reconheciam como “bizantinos”, e sim como “romanos” – ‘Ρωμαίων (romano)

³ Procópio deixa transparecer em alguns trechos da *Guerra Gótica* que os francos representariam uma força militar no período, chegando inclusive a relatar que uma aliança dos francos com os godos na Ligúria era lembrada pelos romanos com “grande medo” – δεους μεγαλου. Cf. PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. p. 25.

é o termo utilizado por Procópio⁴. Afinal, trata-se de uma parte do Império Romano que manteve sua estrutura enquanto a parte ocidental havia caído nas mãos de povos bárbaros no século anterior. O termo Bizâncio – Βυζαντιου – presente na escrita de Procópio não se refere ao Império como um todo, mas exclusivamente à sua capital, a cidade de Constantinopla.⁵

Em nosso estudo, partiremos da abordagem de uma das visões possíveis desse processo historiograficamente conhecido como Guerra de Reconquista no período de governo de Justiniano, tentando recuperar para o domínio romano territórios então ocupados por “bárbaros”. Mais especificamente, tentaremos responder através de Procópio qual a abordagem feita em relação aos francos, enfatizada nos textos da *Guerra Gótica*.

Os francos: uma nação bárbara

Em boa parte do texto de Procópio, quando se trata da descrição de os outros povos com os quais os exércitos romanos se deparam no século VI, o cronista utiliza a expressão “bárbaro” (βαρβαρον) para identificá-los. É com esse adjetivo que também os francos são descritos: λιμναι τε ενταυθα πολλαι, ου δη Γερμανοι το παλαιον ωκηντο, βαρβαρον εθνοσ, ου πολλου το κατ αρκας αζιον, οι νυν Φραγγοικαλουται.⁶

Há que se ressaltar que, quando o cronista se refere aos francos, ele se refere também àqueles denominados “germânicos”. H. B. Dewing, tradutor para o inglês da obra de Procópio, esclarece essa questão em uma nota de rodapé: “The ‘Germans’ in Procopius’ usage and the ‘Franks’ are the same people.”⁷ Esse esclarecimento é dado pelo próprio Procópio, como visto na citação anterior.

O termo “bárbaro” é usado por Procópio para se referir às nações estrangeiras, não romanas. É assim que se refere também aos godos e aos lombardos, por exemplo. Mas no século VI, onde o cristianismo já aparece como a religião oficial o Império, o termo “bárbaro” passa a ser

⁴ Em todo o texto de Procópio, aos se referir ao povo, exército ou governo daqueles que a historiografia moderna chamou de “bizantinos”, o autor os nomeia Romanos. Exemplo: μητα δε Σιλβεριω τε τω πολιεις ιερει και Ρομαιον τοισ τε εκ βουλεσ και τω δεμω πολλα παραινεσας, ενεκε- λευετο ενεκελευετο απασιν ες Γοθων το εθνος ευνοικος εχειν, ορκοις αυτουσ δεινοτατοις υπερ τουτων καταλαβων, ανδρας τε απολεξας ουκ ησσον η τετρακισκιλιους, και αυτοις αρκουντα επιστησας Λευδεριν ηλικιας τε πορρω ηκοντα και δοξαν επι ζυνεσει πολλην εχοντα, εφ ω Ρομην φυλαξουσι σφισιν. (Grifo meu). PROCOPUIS. *Hystory of The Wars*. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993. pp. 114-116.

⁵ Exemplo desse uso pode ser encontrado em PROCOPUIS. *Hystory of The Wars*. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993. p. 48, quando o autor se refere ao Senado como Βυζαντιου Βουλευτηριω.

⁶ PROCOPUIS. *Hystory of The Wars*. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993. p. 118. “Há muitos lagos na região, onde os germanos viveram há muito tempo, uma *nação bárbara*, não de muitas conseqüências no início, que são agora chamados francos.”

⁷ PROCOPUIS. *Hystory of The Wars*. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. p. 87 (nota 1). “Os ‘germanos’ na obra de Procópio e os francos são as mesmas pessoas.”

utilizado para se referir aos povos que, além de ser estrangeiros em relação aos romanos, são também descritos como pertencentes a manifestações religiosos não cristãs, ou de formas de pensamento cristão divergentes em relação às doutrinas cristãs romanas. Como exemplo, podemos citar o emprego de tal termo por Procópio aos godos, como sendo pertencentes a um tipo de cristianismo caracterizado na *Guerra Gótica* como herético, o arianismo⁸. Vale ressaltar que este não é o único, mas apenas um dos elementos que caracterizam os povos como bárbaros na obra que analisamos.

Ao longo de sua narrativa, Procópio apresenta duas formas de tratamento dos romanos para com os povos ditos bárbaros: uma é por ataques contra povos considerados inimigos, que ocupavam as terras a serem reconquistadas por Belisário. A outra é pela diplomacia, a partir da formação de alianças militares. Assim, mesmo quando Procópio qualifica algumas culturas de bárbaras, não significa que não haja aí um reconhecimento das virtudes militares desses mesmos povos. O cronista algumas vezes narra tentativas de alianças baseadas justamente numa estratégia de combate que reconhece o poder militar do exército com o qual se pretende aliar. Exemplo disso é narrado no livro XXXIV da *Guerra Gótica*, quando lombardos e gepaedes disputam junto ao imperador Justiniano a formação de uma aliança. Frente a estas opções, Justiniano preferiu se aliar com os lombardos, com os quais inclusive compartilhavam a mesma fé cristã.⁹

Ao longo de sua narrativa, percebemos que, na visão do cronista, os francos também se utilizaram, no período em questão, das mesmas estratégias que os romanos no campo de batalha: tentativa de formação de alianças e combates militares. Exemplo da formação dessas alianças como estratégia de guerra pode ser encontrado na passagem que o cronista afirma que, por medo do exército de Teodorico, rei ostrogodo, os francos refrearam sua violência e se lançaram contra os burgúndios. Para tal empresa, propuseram uma aliança com os próprios godos: υστερον δε Φραγγοις τε και Γοτθοις ξυμμαχιαι τε και ξυνοηκαιεπι κακω τω Βουργουξιωνων εγενετο, εφ ω εκατεροι μεν στρατιαν επ αυτους πενψωσιν.¹⁰

Por conta dessa presença na Península Itálica junto aos povos com os quais os romanos também se envolviam é que os francos ganham espaço nas narrativas da guerra de Procópio. Nesse sentido, nos propomos a tentar compreender a descrição feita pelo cronista do

⁸ Cf. PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993. p. 45.

⁹ Todo o trabalho diplomático de convencimento do imperador Justiniano promovido pelos lombardos e gepaedes para a formação dessa aliança foi narrada por Procópio e encontra-se disponível em PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. pp. 442-455.

¹⁰ PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993. p. 124. “Posteriormente os francos e os godos entraram numa aliança ofensiva contra os Burgúndios, combinando que cada um deveria enviar um exército contra eles.”

Império nesse período em relação aos francos. Vamos passar a análise dessas descrições. Antes, porém, salientamos que, quando Procópio caracteriza os francos como bárbaros, em nada os difere das demais nações com as quais os romanos mantêm algum tipo de contato nos combates do século VI.

Na maior parte do seu texto, Procópio descreve, numa visão romana, uma imagem negativa dos francos. Em certa passagem, no livro XXV, o cronista discorre sobre uma oportunidade que os francos encontraram de conquistar parte da Itália, se aproveitando do desgaste provocado pela guerra entre os romanos e os godos na região. Segundo Procópio:

Ορκων ποιουν εν τω παραιτικα και ξυνθηκων επιλελησμενοι, αιπερ αυτοις ολιγω προτερον προς τε Ῥωμαιους και Γοτθους επεποιηντο (εστι γαρ το εθνος τουτο τα εσ πιστιν σφαλερωτατον ανθρωπον αταντων) ες μυριαδας δεκα ευθυς ξυλλεγεντες, ηγουμενου σφισι Θεουδιβεργου, ες Ιταλιαν εστρατευσαν, ιππεας μεν ολιγους τινας αμφι τον ηγομενον εκοντες, οι δη και μονοι δορατα εκοντες, αλλα ξιφος τε και ασπιδα φερων εκαστος και πελεκυν ενα.¹¹

Mesmo demonstrando que o exército franco representava uma ameaça reconhecida por Procópio (e pelo próprio general Belisário), o cronista destaca que se trata de um povo que não cumpre com sua palavra. Daí a dizer que eram a “nação mais falsa do mundo”. Nesse sentido, os francos se diferenciariam dos romanos em relação à sua política de alianças, pois a palavra dada nestes acordos, ao que demonstra a narrativa de Procópio, não deveria ser descumprida. Mais adiante, Belisário escreve uma carta ao rei germânico Teodiberto, repreendendo-o. Nela, o general romano criticou o fato de o governante franco não ter cumprido sua palavra, violando um juramento. Isso já seria uma falta grave para o mais ignorante dos homens, muito mais para um governante. Condenava ainda o ato de os francos não terem auxiliado os romanos e se lançado contra os dois exércitos. E encerrava num tom ameaçador, dizendo que um insulto ao grande imperador poderia tanto ser ignorado quanto resultar num castigo.¹²

¹¹ PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. p. 84. “Então, esquecendo no momento seus juramentos e tratados que tinham feito um pouco antes com os romanos e os godos (pois essa nação em matéria de confiança é a mais falsa do mundo), eles imediatamente reuniram um número de cem mil sob liderança de Teodiberto e marcharam para a Itália; eles tinham um pequeno corpo da cavalaria sob seu líder e entre estes apenas alguns estavam armados com lanças, enquanto todo o resto estava a pé não tendo nenhum arco nem lança, mas cada homem carregando uma espada, escudo e um machado.” Para uma melhor compreensão sobre os tipos de armas utilizadas pelos romanos no século VI e os francos, ver BACHRACH, Bernard S. Procopius, Agathias and the Frankish Military. In: **Speculum**. vol. 45. no. 3. Cambridge: Medieval Academy of America, Julho de 1970. pp. 435-441.

¹² O texto da carta de Belisário, apresentada por Procópio, encontra-se em PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. pp. 90-93.

Em termos de religião, Procópio deixa claro que se trata de um povo convertido ao cristianismo. Entretanto, as formas de manifestação dessa religiosidade entre os francos encontram algumas contradições nos textos do cronista. Passemos à análise destas questões.

O cristianismo como elemento de uma unidade

Como dito acima, a política de Justiniano de tentar trazer de volta aos seus domínios os territórios considerados romanos no ocidente mediterrânico se pautava num ideal de uma unidade. Em vários trechos da narrativa da *Guerra Gótica*, Procópio apresenta uma preocupação com a manutenção de princípios de uma homogeneidade nas práticas cristãs em todo o Império (incluindo aqui as regiões que estavam sob domínio estrangeiro no século VI).

Como exemplo, podemos citar a passagem na qual Procópio narra o retorno de Belisário à Bizâncio (Constantinopla), após a guerra contra os godos. Nela, o cronista afirma que o imperador Justiniano havia prometido estar na Itália. Porém, dedicava, naquele momento, uma atenção muito maior em resolver satisfatoriamente questões em disputa no cristianismo. Diz a citação de Procópio:

Βασιλευς δε Ιταλιας μεν επεγγελλετο προνοησειν αυτος, αμφι δε τα Χριστιανων δογματα εκ του επι πλειστον διατριβην εικειν, ευ διαθεσθαι τ α εν σθισιν αντιλεγομενα στουδαζων τε και διατεινομενος μαλιστα.¹³

Voltando a atenção para os francos, nosso referencial nesse estudo, encontramos algumas passagens onde o cronista descreve a sua religiosidade. Num primeiro momento, no livro V da *Guerra Gótica*, os romanos buscam uma aliança com os francos para enfrentar os godos na Península Itálica. O argumento apresentado por Procópio é o fato de os francos rejeitarem o culto ariano dos godos e compartilharem do que o cronista chama de um “justo louvor”:

Διοπερ ηνεις μεν σπρατενειν επ αυτους ηναγκασμεθα, υμας δε εικος ξυνδιαφεπειν ημιν πολεμον τονδε, ον ημιν κοινον ειναι πολει δοξα τε ορθη, αποσειομενη την Αρειανοων γνωμη, και το ες Γοτθους αμφοτερων εχθος.¹⁴

¹³ PROCOPUIS. *Hystory of The Wars*. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. pp. 461-463. “Embora o imperador tivesse prometido preocupar-se pessoalmente com a Itália, ele ainda devotava a maior parte de seu tempo para as doutrinas do Cristianismo, buscando ansiosamente e com grande determinação fazer um satisfatório estabelecimento das questões em disputa nele.” As traduções das citações apresentadas nesse texto do grego foram realizadas a partir das traduções dos mesmos para o inglês, presentes na obra supracitada, que trata de uma versão bilíngüe.

¹⁴ PROCOPUIS. *Hystory of The Wars*. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993. p. 44. “Por essa razão nós temos sido obrigados a tomar o campo contra eles e é próprio que vocês devessem juntar-se a nós nessa guerra, que é feita suas tanto quanto nossa, não apenas pela fé de justo louvor, que rejeita a opinião dos arianos, mas também pela inimizade que ambos sentimos pelos godos.”

Assim, num momento de possibilidade de fortalecimento militar para enfrentar os godos, os exércitos de Belisário buscam uma aproximação com os francos, usando para tal o argumento da defesa de uma fé comum contra uma prática cristã considerada herética (αἰρεσιν).

Entretanto, essa passagem que ressalta o valor do cristianismo seguido pelos francos foi posteriormente contestada pelo próprio Procópio. No já citado livro XXV, ao discorrer sobre a falta de lealdade dos francos, o cronista afirma ainda que, apesar de convertidos ao cristianismo, estes teriam mantido grande parte de seu culto pagão, realizando inclusive sacrifícios humanos.

Οἱ γὰρ Βαρβαροὶ οὗτοι, Χριστιανοὶ γεγονότες, τὰ πολλὰ τῆς παλαιᾶς
δοξῆς φυλάσσοῦσι, θυσίαις τε Χρομενοὶ ἀνθρώπων καὶ ἀλλὰ οὐχ ὅσῃα
ἱερενοντες, ταῦτη τε τὰς μαντείας ποιοῦμε-νοί.¹⁵

Numa outra passagem, no livro XVIII, francos e romanos disputavam uma aliança com os godos (o mesmo inimigo comum de outrora). Durante o processo de negociação com o rei godo Vitigis, o envidado de Belisário critica o fato de se tratar de um povo bárbaro e questiona a lealdade dos francos baseado numa questão religiosa: “Ὡς ἡμεῖς γε ἠδεῶς ἀνφραγγοὺς εἰροίμεθα τίρα ποτε μελλοντες ὀμεισθαι θεὸν τοῦ τῆς πίστεως ὑμῖν ἐχυρὸν ἰσχυρίζονται δώσειν”.¹⁶ Em outras palavras, há uma nítida desconfiança em relação à crença cristã franca.

A questão que se coloca é: por que, na narrativa do mesmo cronista, os francos aparecem representando ora como uma possibilidade de aliança com os romanos, baseado em questões de identidade religiosa e, posteriormente, são acusados de manter em seu culto práticas pagãs?

O que se pode perceber na narrativa de Procópio é um desejo romano de reconquista dos antigos territórios do Império. E para isso, seria necessário não apenas a formação de um bom exército, mas também o exercício de uma política diplomática eficiente, pautada em discursos que se referiam à unidade romana e liberdade em relação ao domínio “bárbaro”.¹⁷ Nesse sentido, no momento em que os francos se apresentam como uma possibilidade de aliança para vencer os godos na Península Itálica, o elemento cristão serve como base para firmar tal acordo. Entretanto, quando os mesmos francos representam um obstáculo a tal objetivo romano, é também o

¹⁵ PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. p 86. “Esses bárbaros, embora tenham se tornado cristãos, preservaram grande parte de sua antiga religião: eles ainda fazem sacrifícios humanos e outros sacrifícios de natureza profana e é em união com ela que eles fazem suas profecias.”

¹⁶ PROCOPUIS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992. p. 118. “Nós, de nossa parte, teríamos prazer em perguntar aos francos por qual deus eles possivelmente podem jurar quando eles declaram que dariam a você a certeza de sua lealdade.”

¹⁷ Cf. PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. 2000. pp. 149-187.

argumento da religião que justifica um enfrentamento e alimenta a desconfiança numa “nação bárbara”.

Considerações finais

Em se tratando de um império oficialmente cristão, não há como ignorar a religião como importante elemento no processo de reconquista romana das suas antigas possessões no Mediterrâneo, durante o século VI. Entretanto, o que se pode perceber nos textos do cronista Procópio de Cesaréia, importante fonte para o conhecimento desse processo a partir de uma visão romana, é que o cristianismo fora utilizado pelos romanos como importante fator, tanto na identificação com certas nações (εθνος) para a formação de alianças militares quanto na justificativa para o ataque contra outros povos ditos “bárbaros”.

Em relação aos francos especificamente, encontramos no texto da *Guerra Gótica* diferentes visões em relação à religiosidade dos francos, indo desde uma aproximação para a luta contra o arianismo godo quanto a uma desconfiança e percepção de elementos pagãos em seu culto.

Dessa forma, preliminarmente levantamos a hipótese de que o objetivo principal de Justiniano no século VI era reconstituir a grandeza territorial do Império, perdida nos séculos anteriores, historiograficamente conhecidos como Baixo Império. Nesse sentido, acreditamos que o cristianismo possa ser visto como um dos elementos que constituiriam essa identidade romana no período. Assim, poderíamos relativizar conclusões como a de Georg Ostrogorsky, que afirmou que, para Justiniano, o conceito de Império Romano coincidiria com o de Ecumene cristã.¹⁸ Preferimos, como sugere Charles Pazdernik, abordar a defesa do cristianismo como um motivo inicial para, por exemplo, a expedição vândala.¹⁹ Em outras palavras, o cristianismo seria um elemento componente dessa unidade romana buscada por Justiniano. O que percebemos em Procópio é que a identificação de práticas cristãs em outros povos – e no caso dessa pesquisa em particular, os francos – estaria diretamente relacionada à possibilidade de formação de alianças ou justificativa para ataques militares e a tomada de territórios. O cristianismo não coincidiria com um conceito de “romano”, mas seria um dos elementos identificadores dessa cultura.

Este texto constitui apenas um primeiro exercício na busca de uma melhor compreensão das obras de Procópio de Cesaréia, tomando-as como uma possibilidade de um melhor entendimento do projeto de Justiniano de reconstituição da antiga grandeza territorial do império romano no século VI.

¹⁸ OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. p. 90.

¹⁹ Cf. PAZDERNIK, Charles F. *Op. cit.* p. 154.

Referências bibliográficas

Fontes

PROCOPIUS. **Hystory of The Wars**. Vol III. Books V-VI.15. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1993.

PROCOPIUS. **Hystory of The Wars**. Vol IV. Books VI. 16-VII.35. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992.

PROCOPIUS. **Hystory of The Wars**. Vol V. Books VII.36-VIII. English translate by H. B. Dewing. London: Havard University Press. Cambridge, Massachusetts, London. 1992.

Estudos

ALEXANDER, Paul. J. The Strength of Empire and Capital as Seen Through Byzantines Eyes. **Speculum**. Vol. 37. no. 3. julho de 1962. pp. 339-357.

BACHRACH, Bernard S. Procopius, Agathias and the Frankish Military. In: **Speculum**. vol. 45. no. 3. Cambridge: Medieval Academy of America, Julho de 1970. pp. 435-441.

BARNWELL, P. S. Emperors, Jurist and Dings: Law and Custom in the Late Roman and Early Medieval West. **Past and Present**. N. 168. New York: Oxford University Press, agosto de 2000. pp. 6-69.

BOWERSOCK, Glen W. The Vanishing Paradigm of the Fall of Rome. Bulletin of American Academy of Arts and Sciences. Vol. 49. n. 8. maio de 1996. pp. 29-43.

BROW, Peter. The Later Roman Empire. **The Economic History Review**. Vol. 20. n. 2. Agosto de 1967. pp. 327-343.

CAMERON, Averil. Procopius and the Church of St. Sophia **The Harvard Theological Review**. Vol. 58, No. 1. (Jan., 1965), pp. 161-163.

_____. **Procopius and the Sixth Century**. Londres: Duckworth, 1996.

CHRYSOS, Evangelos K. The Title βασιλευσ in Early Byzantine International Relations. **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 32. Washington: Dumbarton Oaks. 1978, pp. 29-75.

COSTER, Charles Henry. Procopius and Boethius, I. **Speculum**. Vol. 23, No. 2 (Apr., 1948), pp. 284-287.

CROKE, Brian and CROW, James. Procopius and Dara. Journal of Roman Studies. LXXIII. London, 1983. pp. 143-159. In CROKE, Brian. **Christian and Byzantine History, 5th and 6th Centurias**. Great Britain: Variorum, 1992.

DOWNEY, Glanville. Paganism and Christianity in Procopius. **Church History**. Vol. 18, No. 2. Washington: Dumbarton Oaks. Junho de 1949. pp. 89-102.

DUCELLIER, Alain. **Les Byzantins**. Histoire et culture. Paris: Editions du Seuil, 1988.

EVANS, J. A. S. Justinian and the Historian Procopius. **Greece & Rome**. 2nd Ser., Vol. 17, No. 2 (Oct., 1970), pp. 218-223.

_____. **The Age of Justinian**. The circumstances of imperial power. New York: Routledge, 1996.

GOUBERT, Paul. **Byzance avant l'islam**. Tome second: Byzance et l'Occident. Sous les succesours de Justinien. Paris: Éditions A. et J. Picard et Cie. 1955.

GORDON, C. D. Procopius and Justinian's Financial Policies. **Phoenix**. Vol. 13, No. 1 (Spring, 1959), pp. 23-30.

GROOT, A. W. Notes on Procopius of Caesarea. **The Classical Quarterly**. Vol. 9. n. 2. abril de 1915. pp. 97-98.

JENKINS, Claude. Procopiana. **The Journal of Roman Studies**. Vol. 37. 1947. pp. 74-81.

LEE, A. D. Procopius, Justinian and the Kataskopoi. **The Classical Quarterly**. New Series, Vol. 39, No. 2. Cambridge: Trinity College, 1989. pp. 569-572.

LOUTH, Andrew. The Eastern Empire in the sixth century. In: FOURACE, Paul. (org). **The New Cambridge Medieval History**. Vol. I. c. 500 - c.700. Cambridge University Press, 2005. pp. 93-119.

MAAS, Michael. **Age of Justinian**. Cambridge, 2005.

_____. Roman History and Christian Ideology in Justinianic Reform Legislation. **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 40. Washington: Dumbarton Oaks, 1986.

MCCAIL, Ronald. Review: Procopius of Caesarea: an Interpretation. **The Classical Review**.

MEYENDORFF, John. Justinian, the Empire and the Church. **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 22. Washington: Dumbarton Oaks. 1968. pp. 43-60.

MOORHEAD, John. The Byzantines in the west in the six century. In: FOURACE, Paul. (org). **The New Cambridge Medieval History**. Vol. I. c. 500 - c.700. Cambridge University Press, 2005. pp. 118-139.

_____. Ostrogothic Italy and the Lombard invasions. In: FOURACE, Paul. (org). **The New Cambridge Medieval History**. Vol. I. c. 500 - c.700. Cambridge University Press, 2005. pp. 140-161.

NORWICH, John Julios. **Byzantium, the Early Centuries**. New York: Alfred A. Knopf, 2001.

OSTROGORSKY, Georg. **História del Estado Bizantino**. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984.

PAZDERNIK, Charles F. Procopius and Thucydides on the Labor of War: Belisarius and Brasidas in the Field. **Transactions of the American Philological Association**. Vol. 130. 2000. pp. 149-187. Emory University, 2000.

POHL, W.; REIMITZ, H. (ed.). **Strategies of Distinction. The Construction of Ethnic Communities, 300-800**, Leiden/Boston/Colônia: Brill, 1998 (**The Transformation of the Roman World**, vol. 2).

SODINI, Jean-Pierre. La contribution de l'archéologie à la connaissance du monde byzantin (IVe-VIIe siècles). **Dumbarton Oaks Papers**. Vol. 47. Washington: Dumbarton Oaks. 1993. pp. 139-18.

TEALL, John L. The Barbarians in Justinian's Armies. **Speculum**. Vol. 40, No. 2 (Apr., 1965), pp. 294-322.

VICKERS, Michal. Where Was Procopius Therme? **The Classical Review**. New Ser., Vol. 24, No. 1. (Mar., 1974), pp. 10-11.

WOOD, I., Defining the Franks: Frankish Origins in Early Medieval Historiography. *In*: FORDE, S., JOHNSON, L. MURRAY, A. **Concepts of National Identity in the Middle Ages**. Leeds: Leeds Studies in English, 1995. pp. 47-57.